

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Allan Dwan

2 e 8 de Fevereiro de 2022

## I DREAM OF JEANIE / 1952

*um filme de Allan Dwan*

**Realização:** Allan Dwan / **Argumento:** Alan Le May / **Direcção de Fotografia:** Reggie Lanning / **Montagem:** Fred Allen / **Som:** T.A. Carman, Howard Wilson / **Direcção Artística:** Frank Hotaling / **Música:** Robert Armbruster / **Cenários:** John McCarthy Jr., James Redd / **Guarda-Roupa:** Adele Palmer / **Interpretação:** Ray Middleton (Edwin P. Christy), Bill Shirley (Stephen Foster), Eileen Christy (Jeanie McDowell), Muriel Lawrence (Inez McDowell), Rex Allen (Mr Tambo), Lynn Bari (Mrs. McDowell), Dick Simmons (Dunning Foster), Scott Elliott (Milford Wilson), Andrew Tombes (R.E. Howard), James Dobson (Spike), Percy Helton (Mr. Horker), Glen Turnbull Louise Beavers, James Kirkwood, Carl "Alfalfa" Switzer, Fred Moultrie.

**Produção:** Republic Pictures (Estados Unidos) / **Direcção de Produção:** Kenneth Holmes / **Cópia:** em ficheiro, cor, legendada electronicamente em português / **Duração:** 90 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

---

**I Dream of Jeanie**, o terceiro musical que Allan Dwan realizou para a Republic, não é um dos seus filmes mais conhecidos, nem dos mais apreciados. Filme competente, mas sem grande rasgo, trata-se de um “biopic” do compositor Stephen Foster que, no século XIX, chegou a ser considerado o mentor da música popular americana. Foster é o autor do famoso "Oh! Susanna", canção que escreveu em 1947, música constantemente entoada pelo protagonista de **I Dream of Jeanie**. A sua letra conta a viagem de um negro do estado do Alabama até Nova Orleães na Louisiana para encontrar a sua amada Susanna. A falta de sentido da letra explicitava uma característica humorística dos "Minstrel Shows", uma forma de espectáculo com a qual Foster trabalhava, que é importada por Dwan para o filme após a “descoberta” de Foster por Edwin Christy

Allan Dwan contou na famosa entrevista a Peter Bogdanovich que na Republic lhe pediram um filme musical, mas que, por questões de orçamento, a música tinha que estar em domínio público para escapar ao pagamento dos direitos. Foi Dwan quem se lembrou de Stephen Foster, cuja produção musical correspondia a esses pré-requisitos, “e assim cozinhamos uma história sobre ele e tentámos enfiar todas as suas canções no mesmo filmezinho”. Foi isso que realmente fizeram pois **I Dream of Jeanie** está repleto de canções e de números musicais que o preenchem do início ao fim, havendo mesmo uma sequência – o recital de Christy na casa das duas irmãs – que alude a um certo fastio provocado pela imparável música do jovem autor. Mas o fastio é sobretudo de Muriel Lawrence (Inez McDowell), que aqui representa o polo da música erudita, por oposição a música popular de Foster. O tenor Bill Shirley é Foster e Ray Middleton é Edwin P. Christy, o responsável pelos espectáculos que popularizam a música de Foster. Na altura apenas Ray Middleton era conhecido, depois de quatro anos na Broadway a protagonizar *Annie Get Your Gun*. Mas em 1959 Bill Shirley daria voz ao

príncipe de **Sleeping Beauty**, da Disney, popularizando assim a sua própria voz para a posteridade.

Espelhando a dicotomia dos protagonistas masculinos, aqui, como em vários filmes de Dwan, as duas irmãs representam dois polos de uma representação do feminino que se opõem. Uma representa a ingenuidade e a inocência (Jeanie), que replica a própria ingenuidade de Foster, e a outra a vertente de uma certa manipulação. Rodado em Trucolor, um sistema de cores relativamente instável, **I Dream of Jeanie** surpreende pela vivacidade das suas cores aliadas a um cuidado guarda-roupa. Mas são cores que surpreendem sobretudo num dos momentos mais dramáticos do filme, quando Foster decide fugir para as águas do Mississippi, acentuando-se cromaticamente o sofrimento do protagonista.

John Dorr desenvolveu um argumento muito interessante a propósito de um conjunto de filmes de Dwan em que incluía **I Dream of Jeanie**. No seu artigo que intitulava "The Griffith Tradition", publicado na revista *Film Comment* em 1974, revelava como Dwan foi dos realizadores que transitaram para o sonoro que mais fiel se manteve ao que ele chamava de "Griffith Tradition", e que mais imune se manteve ao que designava, por oposição, de "Murnau Tradition". Aí escrevia:

“No trabalho final de Dwan, a perfeição matemática de seu estilo visual ilustra melhor o poder primordial inerente à ‘Tradição Griffith’. São precisamente esses filmes, dominados pelos argumentos mais desesperados e povoados pelos actores menos talentosos (projetos em que o “envolvimento pessoal” parecia fora de questão) que Dwan trabalhava mais exclusiva e abstratamente as virtudes da própria tradição cinematográfica e provou ser o mestre artesão da ‘Tradição Griffith’. Filmes como **Belle Le Grand** (1951), **I Dream of Jeanie** (1952) e **Enchanted Island** (1958) tornam-se exercícios didáticos na tradição da montagem americana. Esses filmes são realizados com uma precisão cinematográfica tão intuitivamente perfeita quanto as montagens de Eisenstein foram calculadamente precisas. As imagens de Dwan são belas não tanto como entidades formais em si mesmas, mas na sua existência como unidades cinematográficas. O mundo capturado no quadro nunca é tão importante quanto a relação de um plano com a próximo. Ao ordenar essas unidades, Dwan preocupa-se com as qualidades centrais da tradição da montagem, e não com um enganoso embelezamento pictorialista de planos individuais que se tornaram moda no final do período mudo. Se o ofício da realização pode ser comparado com o da escrita, então Dwan é o mestre da sintaxe cinematográfica. Economia, simplicidade e franqueza caracterizam a abordagem de Dwan. Cada imagem é selecionada como uma resposta utilitária a um desafio narrativo. Comparado com as decisões diretas de Dwan, o cinema de Howard Hawks parece amaneirado e expressionista.”

John Dorr conclui que é por isso mesmo que Dwan não pede aos seus actores ou argumentos coisas que sabe que eles não podem dar, salvaguardando antes o efeito de conjunto. É longa a citação, mas justifica-o a justeza do argumento de Dorr, que de algum modo resgata o que poderia ser olhado como um filme menor no contexto da extensa filmografia de Dwan. Depois do relativo sucesso deste filme, Dwan realizaria **Sweethearts on Parade** (1953), uma espécie de sequela de **I Dream of Jeanie**, encerrando assim um conjunto de quatro musicais, um filme que ganha com um mais claro investimento em termos de produção e do próprio Dwan.

Joana Ascensão